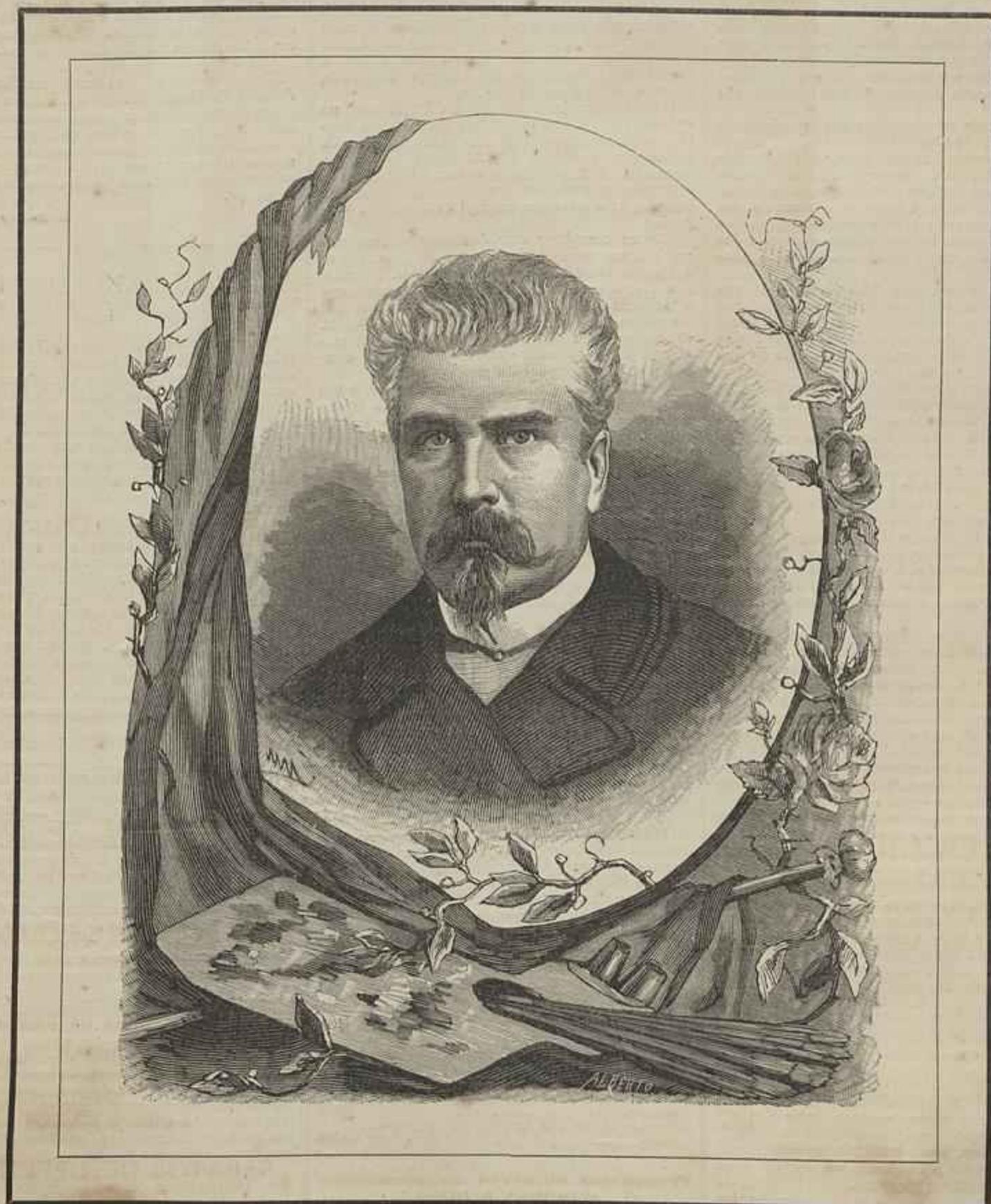


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 153	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 43 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
	30 n.ºs	15 n.ºs	5 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE MARÇO 1883	
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-6-	-8-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-8-		



MIGUEL ANGELO LUPI, PROFESSOR DE PINTURA HISTORICA, NA ACADEMIA DE BELLAS-ARTES DE LISBOA  
Fallecido em 26 de fevereiro de 1968 (Segundo uma photographia de Roschia)

## CHRONICA OCCIDENTAL

Esta semana lá fomos ao cemiterio enterrar mais um amigo, mais um companheiro corajoso e leal d'estas nossas lutas trabalhosas de todos os dias.

E n'este funebre mister de coeiro vamos passando a vida, levando cada dia ao cemiterio os cadaveres d'aquelles, que mais estimámos; d'aquelles que mais nos acompanhavam nas nossas festas alegres, e nos nossos momentos de tristeza.

Hontem foi Saraiva de Carvalho, um gigante em toda a plenitude da sua gloria, ante-hontem foi Sampaio nosso mestre querido, uma reliquia preciosa do passado, hoje foi Coutinho de Miranda, um soldado humilde do grande batalhão dos que trabalham, mas um trabalhador valente, entusiasta, incansavel, que a gloria não puzera em evidencia a admiração dos contemporaneos, mas que a tenacidade, a energia, a lealdade, impozera de ha muito a estima e a consideração de todos os seus companheiros intimos d'esta rude faina da imprensa quotidiana e da politica de *meetings* e de artigos de fundo.

Coutinho de Miranda era mais do que tudo, mais do que jornalista, mais do que auctor dramatico, mais do que homem de letras, um pamphletario ardente e vigoroso, um pamphletario a escrever, e mais do que isso um pamphletario a fallar.

Um orador de *meetings* é o que foi sobretudo Coutinho de Miranda.

Ahi, na praça publica, ante uma multidão enorme, a voz estridente, sonora do tribuno popular, encontrava uma energia desusada para se impôr á attenção das massas, e a sua eloquencia espontanea, torrencial, e emphatica de *meetingueiro* arrancava os mais entusiasticos applausos das multidões, que o ouviam convencidas e dominadas.

Para o jornalismo, Coutinho de Miranda trazia as suas qualidades predominantes de orador popular, os seus artigos caracterisavam-se mais pela vehemencia do ataque, do que pela logica da discussão: pela vehemencia do estylo do que pelo cuidado da phrase.

E esses mesmos predicados eram n'elle perfeitamente naturaes, acompanhavam-o ainda nas suas conversações intimas, nos seus cavacos de bastidores, e, na discussão das coisas mais futeis Coutinho de Miranda tinha o exagero d'argumentação, o enthusiasmo vibrante, dos seus artigos e dos seus discursos.

A qualidade porém adoravel do caracter d'esse excellente rapaz, que na sexta feira fomos acompanhar ao cemiterio, nós todos da imprensa, sem distincção de principios politicos, nem dissensões de luctas partidarias, era a differença completa, a opposição total que em Coutinho de Miranda havia entre o homem intimo e o orador popular.

Intransigente, irascivel, trovejante, violentissimo, no *meeting*, e na politica, Coutinho de Miranda, despia completamente todos os seus odios, todos os seus rancores, quando descia da tribuna ou se levantava da mesa de redacção, e não havia homem mais affavel, mais cortez, mais dedicado, mais obsequioso, mais bom, nas suas relações pessoaes.

Combatia sem treguas o adversario, mas se amanhã elle lhe pedisse um favor, Coutinho de Miranda deidia-se em quatro para lh'o fazer.

Mas, qualidade ainda mais rara, mais nobre e mais santa, fazia aos adversarios todos os favores, que lhe pedissem, mas não lhes pedia nem aceitava um unico, o mais insignificante.

Foi por isso que Coutinho de Miranda, seguindo toda a sua vida, lealmente, corajosamente as suas ideias politicas, arriscando muitas vezes por ellas, o seu bem estar, e mesmo a sua existencia, serviu d'escada para muitos subirem, e nunca deu um passo para elle proprio subir.

A sua consciencia honrada e indomavel, não transigiu nunca com as transacções facéis e usas da nossa desgraçada politica: por isso Coutinho de Miranda viveu de privações, e morreu na miseria, quando muitos sem o seu valor, sem a sua actividade, sem os seus serviços, vivem na opulencia, e legam aos seus farta herança.

Coutinho de Miranda deixou uma unica herança não muito vulgar, mas que não tem alta cotação na praça — um nome honrado.

E aos seus companheiros deixou esse legado, que só os bons podem testar, a saudade pungente, verdadeira e duradoura.

— O theatro de S. Carlos deu-nos por fim, depois de annunciada dois annos a afamada opera de Wagner, *Lohengrin*.

E diga-se a verdade, com elogio a quem to-

que, deu-a com o maximo esplendor com que se pôde pôr uma opera no nosso theatro lyrico, esplendor de *mise-en-scene* e esplendor de desempenho.

Resumindo n'uma epocha theatral cinco artistas de excepcional merito como Pasqua, De Reszke, e tenor Barbacini, baixo de Reszke e tenor Aldighieri, o sr. Freitas Brito, poude dar ao *Lohengrin* um quintetto de primeiras partes como difficilmente se encontrará nos primeiros theatros do mundo.

A sr.<sup>a</sup> De Reszke, cuja voz é extraordinaria e é indiscutivelmente hoje, uma das mais bellas vozes de soprano que ha na Europa, teve no papel de Elsa o seu maior triumpho artistico em Portugal.

É completa e maravilhosa n'esse papel, a illustre cantora varsoviana.

Nos *Huguenotes*, no *Fausto*, e n'outras operas em que é indispensavel a paixão dramatica, exuberante e vigorosa, a sr.<sup>a</sup> De Reszke, sendo notabilissima na parte lyrica, deixa a desejar na parte dramatica dos seus personagens: na Elsa do *Lohengrin*, a sr.<sup>a</sup> De Reszke é como cantora e como actriz brilhantissima e magistral.

A sr.<sup>a</sup> Pasqua, uma extraordinaria organização artistica, que junta á belleza da sua voz de meio soprano, uma correcção primorosa de canto, e um talento dramatico de primeira ordem é prodigiosa no sombrio personagem d'Ostruda, como cantora e como tragica.

O sr. De Reszke é completo, é impecavel, na composição e execução do seu personagem. Barbacini irreprehensivel na sua figura lendaria de Lohengrin, e Aldeghieri excellente no seu pequeno papel, conseguindo vencer quasi todas as difficuldades que para um cantor perfeitamente italiano, tem a musica original e estranha de Wagner.

E para completar este desempenho excepcional até um papel insignificante de Arauto teve a fazel-o valer, a voz soberba do sr. Navarini e a opera teve a ensaial-a o talento superior e a sciencia completa do maestro Dalmau, que transformou completamente a orchestra de S. Carlos, que fez prodigios sob a sua batuta magistral, e que tornou excellentes os côros d'ordinario tão desatinados e desmandados.

Como execução o *Lohengrin* foi portanto um successo completo e realmente notavel. Como *mise-en-scene*, como scenario e como guarda roupa, de ha muito não se apresenta no theatro de S. Carlos mais bello espectáculo para os olhos os fatos são magnificos, e os das primeiras partes d'uma riqueza e elegancia notaveis; como scenario, as vistas foram pintadas pelo sr. Marini, que está hoje em pleno successo de scenographia.

Falta-nos fallar do mais difficil, da opera wagneriana.

Não é facil e é inutil completamente fazer-se em Portugal uma critica severa e seria de *Lohengrin*: não é facil, porque essa critica demanda uma educação musical completissima, e inutil porque está de ha muito feita pelos primeiros criticos do mundo.

Em todo o caso nós é que nunca a poderíamos fazer, e nem sequer o tentaremos.

Assistimos á representação do *Lohengrin* perfeitamente despreocupados de opiniões alheias, e não podendo de forma alguma fazer da opera de Wagner uma critica *savante*, quizemos ao menos ter uma impressão perfeitamente pessoal.

Não sahimos do theatro não tendo outro Deus na musica senão Wagner, mas tambem não sahimos de lá a dormir, como aquellas caricaturas com que a *blague* franceza fez a sua primeira critica — hoje muito modificada — ao maestro da musica do futuro.

Ha no *Lohengrin* muitas coisas que nos fatigaram, naturalmente por não as percebermos. A musica em geral é difficil, confusa, incomprehensivel n'uma primeira audição.

Dizer d'ahi que ella não presta é tão imbecil, como dizer que é excellente sem a ter entendido. Pôde ser que á decima audição, essa mesma musica nos extasie; na primeira fatiga.

Outros trechos, mais facéis, em que a inspiração se destaca brilhante da aglomeração embora *savante*; mas confusa e inextricavel ao *premier abord*, de massas harmonicas, são realmente bellas, e encantam logo.

N'este caso estão a *ouverture* que é deliciosa, o duetto de *Ostruda e Elsa* no segundo acto, o preludio do terceiro acto, o duetto d'amor, a lenda do *Lohengrin* etc.

E nada mais diremos do *Lohengrin*, de que o OCCIDENTE tratará em breve, nem de Wagner, de quem está já tratando com larga minuciosidade e proficiencia no nosso jornal, um dos mais nota-

veis e brilhantes criticos musicaes que tem Portugal.

— Poucas horas antes de começarmos a escrever esta chronica, Lisboa estava ainda illuminada sinistramente pelo clarão enorme do grande fogo que houve n'uma fabrica de cortiça na Margueira, do outro lado do Tejo.

Os jornaes de Lisboa deram todos larga e desenvolvida noticia d'esse fogo monstro, que apavorou durante horas, a população de Cacilhas, que esteve em risco de ser destruida pelo enorme incendio e que, visto de Lisboa, foi um dos mais bellas e horribes espectaculos que nos tem sido dado presenciar.

O fogo foi na fabrica de cortiça do sr. Buchnall & C.<sup>a</sup>, a fabrica de cortiça maior que havia na Europa, e de que hoje resta apenas um enorme terreno negro, cheio ainda de cortiça chamejante.

O vento era tão grande e o fogo começou logo com tal intensidade, que a cortiça escandecente atravessava o rio, e vinha cair aos montes pelo interior da cidade.

Os prejuizos foram enormes, calculam-se em 400 contos que serão pagos aos proprietarios — que no fim de contas são tão ricos segundo dizem, que esta quantia é apenas para elles uma bagatella, — pelas companhias inglezas e americanas em que a fabrica estava segura.

Temos sobre a meza mais um livro novo; *Poemas* de Sousa Monteiro o illustre poeta que ainda ha pouco atirou para o mercado, com um outro bello livro de versos os *Sonetos*.

Diremos d'elle proximo dando já aos nossos leitores a boa noticia, que temos para publicar duas deliciosas poesias ineditas de Sousa Monteiro.

Gervasio Lobato.

## MIGUEL ANGELO LUPI

I

Não é seguramente porque não haja grandes talentos artisticos em Portugal, que nunca podemos, que nunca lográmos estabelecer uma verdadeira escola. Um pouco de vezes se tem tentado dar um impulso energico ás artes em Portugal; o impulso é fructifero. Mas volta depois outra vez a atonia, o marasmo, e a escola que principiava a formar-se desaparece, dispersa-se, esmagada logo quasi ao principio pela indifferença publica, ou pela inveja, ou pela maledicencia.

No seculo XVI tivemos o Grão-Vasco em pintura, Matheus Fernandes em architectura, os quadros gothicos ou antes os quadros flamengos da Sé de Vizeu, as capellas imperfeitas da Batalha. O Sansovino esculptor, o pintor Antonio Moor, os architectos Castilho e Boutaca vinham de Hespanha, de Italia, de Flandres dar o impulso, organizar os estudos, emquanto um grande numero de pintores portuguezes Dias, Campello, Francisco de Hollanda iam a Italia colher da bocca dos grandes mestres o ensinamento necessario. A escola fundou-se; pouco tempo depois desaparecia.

No fim do seculo XVIII o impulso, dado pelo marquez de Pombal a todos os ramos de ensino, origina entre nós uma nova renascença artistica. Vem do estrangeiro Giusti, Bartolozzi architectos, esculptores, gravadores. Outros artistas portuguezes vão estudar a Italia. D'aqui resulta uma maravilhosa produção artistica. Domingos Antonio de Sequeira e Vieira portuense figuram nas primeiras planas e nos primeiros logares entre os grandes pintores da Europa do seu tempo. José da Costa e Silva manifesta-se architecto de primeira ordem, Joaquim Carneiro da Silva gravador eximio, Joaquim Machado de Castro, João José de Aguiar notabilissimos esculptores. Durou pouco a renascença. A decadencia não tardou.

E sabem porque succedia sempre assim? Porque nós, os portuguezes, temos a invencivel tendencia para desdenhar dos nossos compatriotas, porque em nenhum paiz do mundo é mais verdadeiro o proverbio de que «ninguem é propheta na sua terra.» Defeito dos paizes pequenos, dir-se-ha. Não, defeito nosso, exclusivamente nosso. A Dinamarca teve um grande esculptor: Thorwaldsen. Pode dizer-se que o divinisou. Nós tivemos um grande pintor: Sequeira. Não lhe poupámos as amarguras. Mais ainda: a Dinamarca incumbiu Thorwaldsen de povoar de estatuas a cathedral de Capenhague. Paiz pequeno e pobre, pagou-lhe como se tivesse á sua disposição o thesouro da Russia. Sequeira viu os seus honorarios discutidos em côrtes, censurados, mutilados.





EGAS MONIZ FERANTE O REI DE LEÃO — Eboeteo para um quadro, do professor Miguel Ângelo Lusi (segundo uma photographia)

## O THEATRO

DA  
RUA DOS CONDES

(Cont. do n.º 131)

Ainda não tinham decorrido dois mezes depois da publicação do decreto, quando o actor inglez Samuel Fisher, recomendado pelo ministro da Grã Bretanha em Lisboa, requereu que lhe fosse permitido dar n'esta capital representações dramaticas em inglez. Quem sabe se isto faria parte do plano que os estadistas de alem da Mancha haviam concebido para converternos em colonia sua? Junot quizera ganhar-nos as sympathias promettendo um Camões para cada uma das provincias portuguezas: os inglezes pretendiam talvez seduzir-nos com a representação das tragedias de Shakspeare ou das comedias de Sheridan. O peor era que a politica esbarrava n'este caso, contra a nossa absoluta ignorancia ácerca da lingua de Pope.

Esta razão, e a do prejuizo que o divertimento

causaria á empresa de S. Carlos, por tirar a este theatro a concorrência dos funcionarios britannicos, levaram o magistrado superior de policia a aconselhar o governo a indeferir o requerimento do comediante Fisher. Na informação

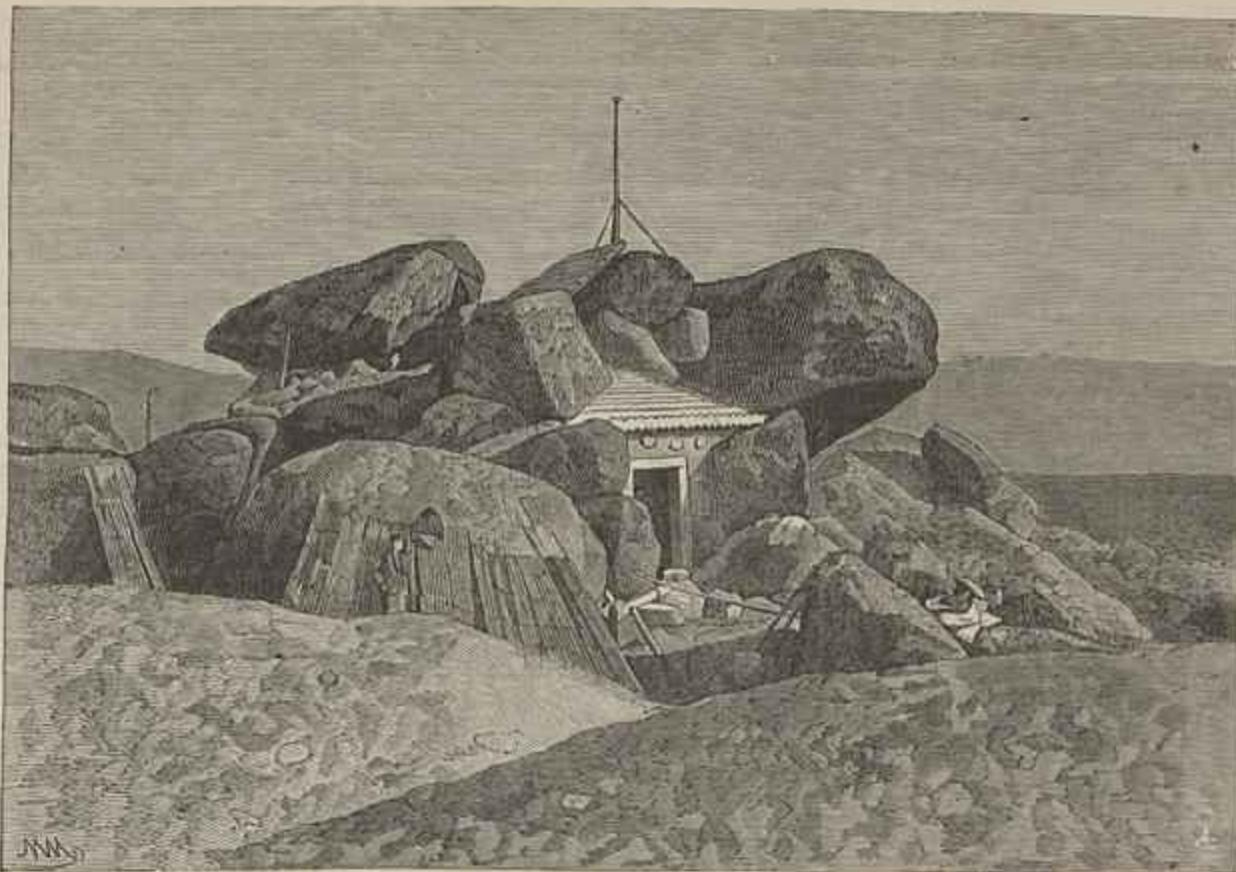
de espectaculos. No mez de setembro d'aquelle anno, terminado um concerto porque o primeiro dos dois theatros passou, propoz o intendente geral de policia que se não mantivesse aquella ordem quando reabrisse a Rua dos Condes, pois

diz-se contudo que a pretensão não envolvia inconveniente reprovado pela moral ou pela politica e que as representações só poderiam effectuar-se no Salitre ou na Rua dos Condes «se é que os referidos theatros, forrados de madeira e velhos» estavam ainda no caso de admitir que n'elles se trabalhasse sem risco.

Por mais de sessenta annos ainda se disse isto mesmo dos dois pardieiros.

Em uma portaria da secretaria do reino, datada de 11 de março de 1813, determinou-se que o theatro da Rua dos Condes fosse regulado pela mesma direcção e inspecção que o de S. Carlos, decerto porque uma só empresa adminis-

trava as duas ca-



SANATORIOS NAS ALTITUDES — CASA DO SR. ALFREDO CESAR HENRIQUES, NO ALTO DA SERRA DA ESTRELLA



AFRICA PORTUGUEZA — ALTO DANDE, UMA VISTA DA FAZENDA DE QUIJANDA (Segundc uma photographia de Morse)

que em certos dias, principalmente aos domingos, o inspector Botelho não poderia fiscalisar ambos os espectáculos.

Até 1818 teve a Sociedade dos artistas e artífices as duas empresas, lutando com difficuldades pecuniarias, de que eram sempre remedio as casas de sortes e as loterias.

Se tinha justiça a queixa que Manoel Baptista de Paula dirigiu ao governo em 3 de fevereiro de 1814, concorria para os prejuizos soffridos pelos empresarios d'aquella epocha o numero excessivo de beneficios. Segundo elle calculava, desde o carnaval de 1813 até aquella data tinha havido 80 beneficios de *designadas pessoas* em S. Carlos e na Rua dos Condes e 64 no Salitre.

Apura-se da queixa de Manoel de Paula que os nossos avós se sujeitavam com submissão á pesada contribuição dos beneficios, que tanto nos atormenta ainda hoje.

«A consequencia é, diz o requerente, que nos dias em que a representação é a favor da Sociedade e em que não se empregam semelhantes diligencias, vendendo-se á porta os bilhetes e os camarotes, concorre tão pouca gente, que o producto recebido mal pôde cobrir a despeza diaria, entretanto que nos dias de beneficio commummente se enche a casa...»

O governo attendeu esta reclamação, e determinou que só podessem ser dados beneficios no theatro do Salitre, quando o producto das recitas revertesse para empregados da casa, ou para artistas estrangeiros que se escripturassem mediante uma tal condição. Ainda assim a venda dos bilhetes seria feita unicamente no theatro.

No Salitre a empresa era constituída por uma sociedade de quarenta artistas, que nomeavam de entre si um para figurar de empresario. A administração dos theatros de S. Carlos e Rua dos Condes, pondo de parte toda a ideia de camaradagem, disputou, sempre e tenazmente as vantagens que a empresa do outro theatro requeria.

A leitura dos succintos avisos, que de vez em quando a minuscula *Gazeta de Lisboa* publicava na ultima pagina, basta para dar-nos ideia do repertorio que n'este tempo se executava na Rua dos Condes, e tambem nos revela os nomes de alguns actores e actrizes que então funcionavam no mesmo theatro.

Compulsemos por exemplo o volume relativo ao anno de 1814.

No numero 13, correspondente a 15 de janeiro, depara-se-nos a seguinte noticia:

«Segunda feira 17 do corrente, no theatro nacional da Rua dos Condes ha de representar-se a apparatusa comedia a *Acclamação do senhor rei D. Affonso Henriques* ou a *Memoravel batalha de Campo de Ourique*; haverá uma boa dança e jocosa farça; n'este dia não ha no theatro de S. Carlos divertimento.»

Eram estes os elementos constitutivos de todas as representações dramaticas do começo do seculo. O espectáculo abria geralmente com uma comedia, a que se seguia uma dança, e fechava com uma farça, quasi sempre ornada de musica.

A primeira peça tinha algumas vezes por assumpto um facto historico, outras era simplesmente um desenhado elogio dramatico, como por exemplo a que foi representada a 29 de janeiro de aquelle mesmo anno no theatro de S. Carlos e que se intitulava *Gloria das Tres Nações Aliadas*. No fim d'este drama allegorico apparecia «a effigie do grande Wellington» em cujo louvor a actriz Maria Ignacia da Luz cantava o hymno do commandante em chefe do exercito anglo-luso-hespanhol.

(Continúa.)

Maximiliano d'Alveido.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### SANATORIOS NAS ALTITUDES

Casa do sr. Alfredo Cesar Henriques no alto da Serra da Estrella

Uma das questões que a expedição scientifica da Serra da Estrella se propoz estudar foi a da climatologia medica d'aquella região, e isto no particular intuito de averiguar se em algum ou alguns dos planaltos dos Herminios existiriam as desejaveis condições para o estabelecimento de *Sanatorios* apropriados ao moderno e efficacissimo tratamento da tísica pulmonar pelos chamados «climas de altitude».

Sabendo-se, como se sabe, que nas montanhas suizas e em outras europeas, nas americanas e nas asiaticas funcionam, desde bastantes annos, *postos sanitarios* situados em altitudes que variam de 1:500 a 3:000 metros, e sendo notorios e authenticos os casos não só de melhora, mas de cura, de certos graus de tísica pulmonar, pela simples influencia d'aquelle tratamento climatérico, que actua principalmente pela continua e

inilludível gymnastica a que obriga o pulmão, era naturalissimo indagar se nas cumiadas da nossa Serra da Estrella se encontrariam, conjugados com a depressão barometrica d'essas grandes alturas, os restantes elementos constitutivos d'um clima benefico para o tratamento das affecções pulmonares de marcha lenta.

Para esclarecer este ponto, mandou o governo, a pedido da Sociedade de Geographia, promotora da expedição, construir n'um dos planaltos da Serra um posto meteorologico; e porque ao cabo de alguns mezes se conheceu, pela comparação dos dados meteorologicos da Serra da Estrella com os do mais afamado dos sanatorios da Suissa, o de Davos-Platz (altitude de 1:500 metros), que o clima da montanha portugueza era, pelo menos quanto ás indicações thermometricas, superior ao da montanha Suissa, deliberou-se um dos membros da secção medica da expedição a enviar para a Serra da Estrella um dos seus clientes, que desde alguns annos se achava affectado de uma doença pulmonar e que por essa mesma razão fóra já, em invernos anteriores, obrigado a residir na ilha da Madeira.

Esse doente, o ex.<sup>mo</sup> sr. Alfredo Cesar Henriques, partiu para a Serra em agosto do anno passado, lá se tem conservado até agora (com a unica falha de 8 dias, consagrados a uma excursão a Lisboa nos principios de janeiro) e propoe-se demorar a sua residencia no planalto até prefazer um anno de Serra. Pois foi esse mesmo enfermo o que planeou, fez construir e photographou essa elegante e caprichosa habitação, que a nossa gravura representa e em que elle reside ha muitos mezes.

Como se vê, a casa, diriamos melhor o chalet, está artisticamente encravada n'uns enormes blocos de granito, que lhe garantem ao mesmo tempo a estabilidade e o conforto.

Em torno d'esse nucleo, que o bom gosto e a tenacidade do sr. Cesar Henriques souberam fundar, não tardarão a agrupar-se, cremol-o, muitas outras vivendas em que, decorridos breves annos, se darão annual *rendez-vous*, como hoje o fazem em Davos-Platz, innumerados tísicos de todos os paizes. E para que os profanos em cousas medicas se não horrorisem com a profecia, contar-lhes-hemos que em janeiro ultimo, quando em Davos-Platz residiam centenas de tísicos, o thermometro chegou a descer, *DE DIA*, a *vinte e dois graus abaixo de zero*. Não será muito que a Serra da Estrella, onde tão asperas temperaturas se não observaram ainda, venham, em futuro não muito remoto, a fazer concorrência séria aos sanatorios suizos, dos quaes tem todas as vantagens derivadas das grandes altitudes, sem as desvantagens inherentes ás elevadas latitudes.

### ALTO DANDE, FAZENDA DE QUIJANDA

A gravura que publicamos com este titulo representa um dos pontos mais pittorescos do rio Dande, nas margens do qual está a fazenda Quijanda propriedade do sr. José Costodio de Carvalho Bastos.

O rio Dande pertence ao districto de Angola e a sua barra está situada em 8° 26' de latitude S. 22° 6' de longitude E. de Lisboa, tem pouco fundo e porisso só é navegavel para canoas ou pequenos barcos.

As suas margens são de uma grande fertilidade o que tem dado lugar a muitos proprietarios ali se estabelecerem, sendo uma das propriedades mais importantes a fazenda de Quijanda que, abrange 3 kilometros pelo rio acima distando 25 kilometros da barra.

N'esta fazenda faz-se em larga escala a cultura da canna de assucar, tendo um engenho a vapor para a fabricação do assucar e dois alambiques para a distillação da aguardente.

Além do assucar tem uma importante coltura de café e uma grande produção de oleo de palma, todos os fructos proprios do clima e magnificas madeiras.

É uma propriedade intelligentemente dirigida pelo seu proprietario que, tem sabido arrancar do solo todas as riquezas de que elle era susceptível de fornecer ao commercio d'Africa, o que só prova o grande valor d'aquellas regiões, que tão mal estimadas tem andado, e que a muitos ainda só se lhes afiguram como terra de degradados.

Temos mais algumas photographias d'esta fazenda, de que iremos publicando gravuras.

### JOÃO ANTONIO OGUEIA

Publicando o retrato de João Antonio Ogueia, presta hoje o *Occidente* merecida homenagem ao homem que, pelo seu trabalho honrado e honesto, soube elevar-se na sociedade.

João Ogueia nasceu no lugar de Briabi, na Galiza, aos 10 de abril de 1827. Seus paes Thomaz Ogueia e Maria Francisca Lourenço, viviam modestamente do seu trabalho e, quando o filho attingiu a idade de 6 annos, mandaram-o cursar a aula de primeiras letras.

Quatro annos depois, em 1837, veio João Ogueia para Lisboa, em companhia de seu pae. As circumstancias eram precarias; o trabalho escasseava; urgia tomar uma grande resolução.

Era uma noite de novembro e chovia torrencialmente — tal qual n'um romance em que dois vultos embuçados em compridas capas... (veja-se Ponson du Terraille) — quando Thomaz Ogueia e seu filho chegaram a Lisboa.

Dirigiram-se ambos ao largo do Rato. Faltava o dinheiro, não havia que comer, a viagem fóra longa e fatigosa. O desespero é mau conselheiro e Thomaz, cansado de lutar disse ao filho que o esperasse ali, que voltaria em breve. Seria essa a sua intenção? O caso é que a pobre creança ali ficou sentada, á porta do sr. marquez de Vianna, esperando debalde que seu pae voltasse a buscá-lo.

O marquez dava n'essa noite um baile. — Continua o romance; é que effectivamente foram um verdadeiro, mas triste romance, os primeiros annos de João Ogueia em Lisboa.

O pobre abandonado, que se conservava na rua á chuva e ao frio, foi visto pelo mordomo do marquez quando este acompanhava ao trem um dos convidados que se retirava do baile.

— Sae d'ahi, rapaz; vae-te embora; disse o mordomo vendo o rapazinho a tiritar, encolhido, a um canto.

João contou-lhe então que estava á espera do pae, que havia muito o mandára esperar ali e que não apparecia.

O mordomo teve dó da creança, que estava toda molhada, e mandou-a entrar para que lhe dessem agasalho e de comer.

Conservou-se João Ogueia quinze dias sob a protecção d'aquelle bom homem, até que, já cansado de esperar o pae, que não voltava, lhe arranhou o mordomo uma collocação n'uma carvoaria, á Praia de Santos.

João, que não se dava bem na carvoaria (tinha a esse tempo 18 annos) e arranhou commodo relativamente melhor no laboratorio chimico do sr. Francisco Mendes Cardoso Leal, então estabelecido no largo do Carmo. A sua occupação ali era a de ajudante do operador dos fornos. João Ogueia era muito applicado n'esse mister, cujas obrigações cumpria com gosto, sentindo vivos desejos de se iniciar nos segredos da chimica.

Em 1853, tendo adoecido o operador, passou João Ogueia para o seu lugar. Em 1855, falleceu o primeiro caixeiro, e João, muito bemquisto do patrão pela sua honradez e amor ao trabalho, foi nomeado para o substituir com a condição de administrar o laboratorio, encarregar-se dos appparelhos e mais trabalhos da fabrica, como analyses de ouro e prata, appartações, etc.

Assim se conservou á testa do laboratorio, até abril de 1864, anno em que, por desintelligencias com a familia de seu patrão, se despediu, resolvendo estabelecer-se com os seus poucos capitães, que então não excediam a 300\$000 réis.

Allugou uma casa — aquella em que ainda hoje habita — e ali montou uma pequena fabrica, onde fazia alguns preparados que elle mesmo depois ia vender aos droguistas.

Em 1867, a fim de desenvolver o seu commercio, resolveu ir ao Porto. Acompanhou-o n'essa excursão o seu particular amigo João José da Matta, hoje fallecido, que o apresentou a alguns dos principaes droguistas d'aquella cidade, que, de então, principiaram a fazer-lhe encomendas de summa importancia.

Sempre infatigavel no trabalho e desenvolvendo pouco a pouco, anno a anno, presistentemente, o seu commercio, conseguiu João Ogueia adquirir alguns bens de fortuna e um nome honrado que legará a seus filhos.

Em 1879 soffreu um grande revez na sua fortuna. Como tantos outros, lançou-se n'essa loucura do jogo nos fundos hespanhoes, em que perdeu vinte e tres contos de réis. Não desanimou, porém; pôde até dizer-se que este prejuizo lhe serviu de incentivo ao trabalho, a que se entregou do coração, auxiliado sempre por seu filho o sr. Joaquim Pedro Ogueia.

Finalmente, em agosto do anno findo, achando-se o sr. João Ogueia a descansar na sua quinta do Poço do Chão, em Bemfica foi procurado por um amigo que pertendia pôr em pratica uma idéa da mais alta importancia. Era uma tinta que, levando vantagem na cor e em tudo o mais ás que então se fabricavam, fosse completamente inalteravel pela acção do tempo.

Apoz aturado estudo e extraordinario trabalho,



1856. — 26. — Morre da idade de 93 annos, pobre e esquecido, o poeta lyrico e bucolico Francisco Joaquim Bingre, denominado o *Cysne do Vouga* e o *Francello Vouguense*.

Foi um dos fundadores da Arcadia, e um dos socios mais honrados e desditosos que teve aquella celebre academia.

1868. — 27. — Primeira representação no Real Theatro de S. Carlos da opera portugueza do maestro Noronha: *O Arco de Sant'Anna*.

Foi em beneficio do dito maes-tro e recebida com muitos applausos.

1810. — 28. — Nascimento do grande historiador portuguez Alexandre Herculano, na casa hoje n.º 428, do pateo do Gil, sito na rua de S. Bento.

1832. — 29. — Decreta-se o ensino livre. Foi lei da regencia da ilha Terceira, referendada pelo duque de Palmella.

1670. — 30. — Morre o poeta Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, auctor do celebre poema heroico *Virginidos* ou a *Vida da Virgem Senhora Nossa*, dedicada á rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.

1809. — 31. — Sae de Coimbra, para entrar em campanha, o corpo militar de *Voluntarios academicos*.

Neves Ferreira, e a que já nos referimos no numero anterior ao fallar do n.º 12 dos *Annaes do Club militar naval*. — *Exploração do Rio Bembe* pelo sr. Diocleciano Ferreira das Neves, *ed ilha de S. Nicolau*, conclusão pelo sr. Joaquim da Silva Caetano, *Exploração agronomica de Cabo Verde e Guiné*, pelo conde de Arpoare, tudo relativo ao nosso dominio na Africa, o que tem todo o atractivo da actualidade, e ainda outros artigos que dão todo o valor áquella publicação.

*Açores*, e de uma serie de documentos relativos aos capitães donatarios da ilha Graciosa, e este numero complementar das camoneanas, por comprehender um additamento á *Bibliographia Camoneana dos Açores* inserta em outros numeros anteriores.

PERFIS ARTISTICOS. *Gazeta Musical de Lisboa* Netto & C.º editores, Lisboa. N.º 36, 37 e 38 do segundo anno com os retratos de Eusebio Dalmau, Thomaz Del-Negro e Alfredo Keil, em photographia e artigos sobre assumptos musicaes.

À VOLTA DO MUNDO. *Jornal de Viagens e de assumptos Geographicos*, directores litterarios dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empresa Litteraria Luso Brasileira, editora, Lisboa. N.º 1 e 2 d'esta magnifica publicação que insere bellas gravuras e artigos de importancia.

SCIENCIA PARA TODOS, redactor Francisco d'Almeida, Santos Valente & Faro editores, Lisboa. Este periodico, unico no seu genero em Portugal, concluiu agora o seu primeiro vol. com a publicação dos n.ºs 49, 50, 51 e 52. Em breve principia a publicação do segundo volume.

JORNAL DA INFANCIA, editores Mattos Moreira & Cardoso, Lisboa. Continua com a maior regularidade a publicação d'este semanario destinado á infancia, estando já distribuido até ao n.º 11.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO, NOVO EDIFICIO. E' uma formosa pagina em chromotypographia que dá noticia do novo edificio que o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro está edificando e que deve estar concluido e inaugurado em 10 de junho de 1884, realizando por essa occasião uma exposição Camoneana do terceiro centenário. Acompanha esta pagina que, é da mais perfeita execução typographica que temos visto e que muito honra o estabelecimento do sr. Castro Irmão, uma photographia do projecto do edificio, a belleza do qual os nossos leitores poderão apreciar em o n.º 80, do IV vol. do OCCIDENTE que reproduziu em gravura este projecto, acompanhado de um desenvolvido artigo sobre o assumpto.

O sr. Eduardo Lemos meretissimo presidente do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, é que fez executar e distribuir a noticia e photographia de que vimos de fallar.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA 6, Rua do Thezouro Velho, 6



JOÃO ANTONIO OQUEIA, INVENTOR DA TINTA INDESTRUCTIVEL (Segundo uma photographia)

Archivo nos Açores publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana; volume quarto, numero XII, 1883, Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel. Typ. do Archivo dos Açores. Continua esta publicação mantendo a sua importancia, já hoje universalmente reconhecida. Além de uns interessantes extractos da *Conquista da Ilha Terceira em 1583* pelo Licenciado Christoval Mosquera de Figueras, auditor geral da Armada e exercito del Rey Catholico, e da continuação da curiosa resenha do *Vulcanismo nos*

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... segundo anno, sexta serie — 1883 — David Corazzi, editor *Empreza Horas Romanticas* — Premiada com a medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro, Administração: 40, R. da Alalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. Publicaram-se os n.ºs 46 e 47 d'esta interessante colleção comprehendendo a *Historia Universal e a Biologia*. Nem um, nem outro d'estes opusculos pode dar um conhecimento profundo d'estes vastissimos assumpos, o primeiro tratado desde os mais remotos tempos em milhares de volumes, e o segundo nascido pode-se dizer, que nos nossos dias, da immensa massa de trabalhos accumulados pelos diversos ramos das sciencias, que solicitam estes pontos de ligação. São pois estes dois tratadinhos uma especie de synopse dos vastos conhecimentos já conquistados para a sciencia e que se completam com outros tratados em que se desdobram as suas diversas partes.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA fundada em 1875, 3.ª serie — n.º 6 — Lisboa — Imprensa nacional, 1882. Comprehende este fasciculo os seguintes artigos: *Da necessidade de fixar definitivamente os limites dos nossos territorios na costa occidental da Africa* pelo sr.

O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro  
SEXTO ANNO — 1883

PREÇOS D'ASSIGNATURA

PARA O CONTINENTE DE PORTUGAL E AÇORES	
Franco de porte, moeda forte	
Anno ou 36 numeros.....	\$800
Semestre ou 18 numeros.....	\$400
Trimestro ou 9 numeros.....	\$200
A entrega, cada numero.....	\$120
POSSESSÕES ULTRAMARINAS D'AFRICA	
Franco de porte, moeda forte	
Anno.....	\$5000
Semestre.....	\$2500
ESTRANGEIRO, UNIAO GERAL DOS CORREIOS	
Franco de porte, moeda forte	
Anno.....	\$8000
Semestre.....	\$4000
BRAZIL	
Franco de porte, moeda fraca	
Anno.....	\$15000
Semestre.....	\$7500

PREÇOS DOS VOLUMES

1.º, 2.º e 3.º	
Cada um encadernado.....	\$8000
• • brochado.....	\$5000
4.º e 5.º	
Cada um encadernado.....	\$8000
• • brochado.....	\$5000
Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce rnis por volume.	

Preços de series

De 12 numeros seguidos relativos aos 1.º 2.º e 3.º volumes.....	\$1500
De 6 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes.....	\$750
De 18 numeros seguidos relativos aos 4.º e 5.º volumes.....	\$2000
De 9 numeros seguidos relativos aos mesmos volumes.....	\$1000

Preços dos numeros, supplementos e indices avulsos

N.ºs 1 a 72 cada um.....	\$100
N.ºs 73 em diante cada um.....	\$120
Supplementos.....	\$400
Indices e frontespicios juntos e capa de papel....	\$120

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

Em pano chagrio com ornatos preto e ouro  
Cada uma..... \$800

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882 E 1883  
Cada um..... \$200

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

PELO COMMENDADOR GIL VAZ  
Um volume de 240 paginas illustrado por M. do Macedo..... \$500

A COMEDIA BURGUEZA

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por Leite Bastos  
EDIÇÃO DE LUXO  
Um volume de 200 paginas illustrado por M. do Macedo..... \$600